



No Centro Educacional nº 09, Setor O, o controle de entrada deixa de ter sentido diante dos buracos na cerca do prédio

Quem sai não volta, quem entra não sai

“Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas”, diz uma música de Chico Buarque de Holanda, ressaltando, entre outras coisas, a coragem dessas mulheres. Se o autor passasse uma noite num colégio da Ceilândia certamente resolveria compor uma letra às “mulheres de antenas”, ou seja, às professoras que ficam de “antenas” ligadas nos afazeres de educadoras e, ao mesmo tempo, na segurança da escola.

A assistente da direção do CE-08 da Ceilândia Norte seria uma boa fonte de inspiração. Mulher franzina, essa gaúcha de pouco mais de 1,50m de altura não se intimida frente aos marmanhões que querem a todo custo entrar no colégio sem autorização. “Eles fazem muito barulho mas acabam atendendo nosso pedido”, diz a professora, que mesmo com toda essa confiança na sua capacidade de

persuasão prefere não ver seu nome publicado no jornal. “Poderia criar um clima ruim”, argumenta.

Responsável pelo turno da noite do colégio, essa professora diz que tem enfrentado muitas dificuldades, às vezes causadas pelos próprios alunos, todos do supletivo. Um dos maiores problemas, — a saída dos estudantes para beber em bares próximos e que voltam embriagados — está parcialmente resolvido, segundo ela. Para isso, foi implantada a famosa regra de “quem está fora não entra e quem está dentro não sai”, até o término do horário de aulas.

Se não tem problemas com alunos, quase sempre menos preparados, como os de curso supletivo, a vice-diretora do CE-9 do Setor O, Sílvia Marques, tem de conviver com o ônus de administrar o colégio no período noturno sem contar

com um único professor. “Aqui todo o corpo docente é de mulheres”, diz ela num misto de orgulho e preocupação. Lá também foi baixada a lei do “quem está fora não entra e quem está dentro não sai”. Há uma exceção, entretanto. A direção criou uns cupons — já apelidados pelos alunos como “ticket do leite” — que permitem aos alunos de turmas que não terão mais aulas saírem antes das 23 horas. Para minimizar as fraudes, cada dia da semana tem um cupom de cor diferente.

Nos seus versos, Chico canta o amor paciente de mulheres que “tecem longos bordados” à espera dos heróis-guerreiros-maridos. Na Ceilândia, a paciência poderia até virar tema poético. Só que com cores de violência, opressão e miséria, que fazem das mulheres/professoras vítimas de conflitos sociais.